

nhor Presidente, mas — aqui está o rádio em minhas mãos — verbas do exercício de 1962 e que espontânea e voluntariamente o Dr. Andrade Lima libera. Homem da Amazônia, que conhece nossas agruras e sofrimentos e querendo bem ao Brasil, êle auxilia tôda a Amazônia, para que saia daquele câos.

Mas, Sr. Presidente, o Doutor Geraldo Reis, que se julga um sábio, diferente de Heráclito — porque este, perguntado pelo que sabia, respondeu que bastantemente sabia em saber que nada sabia — aquêlo "gênio" que está na Guanabara, de vez possivelmente tostada pelo sol, tenta, numa ousadia legítima, afastar o Amazonas das verbas do seu Departamento; êste homem, eu acredito, um dia terá a ira dos céus e dos deuses, contra sua pessoa.

Mas acredito também, Sr. Presidente, que com um homem consciente como temos na Presidência da República — e já telegrafei ao Presidente João Goulart, denunciando aquêlo engenheiro — nós do Amazonas esperamos, tôda a bancada espera, que aquelas verbas negadas por Sua Excelência, em 1963 surgirão, se Deus quiser, neste ano. Qualquer elemento da bancada do Amazonas, quer na Câmara Alta, quer na Câmara Baixa, como muito bem disse o Padre Vidigal, terá fortaleza. Falta de fortaleza é covardia, excesso de fortaleza é temeridade, entre os dois está a virtude. Esta fortaleza é a que nós queremos neste momento, Sr. Presidente.

Parabéns ao Dr. Andrade Lima, que cumpre o seu dever, e pêsames ao Dr. Geraldo Reis pelo que de nefasto tem feito o meu Estado. *(Muito bem)*.

O SR. MANOEL DE ALMEIDA *(Lê a seguinte comunicação)* — Sr. Presidente, Srs. Deputados.

Impenitentes de crime reformista voltam aos comentários dos jornais em prejuízo dos sagrados interesses da Nação e para o espanto de quantos nos olham e analisam do exterior.

Qualquer que seja a idéia a veicular a absurda hipótese, reflete pensamento lesivo ao bem público representa tentativa de contramarcha no comboio que, a duras penas, rompe a inércia e procura transpor a linha do subdesenvolvimento nacional. Os dez ou vinte bilhões que seriam gastos no retorno, devem ser aplicados na consolidação.

Entre os graves problemas postos na conjuntura brasileira, um se punha em relêvo a indicar imperativa prioridade — e da formação do ecúmeno, em dêca de dois terços do território pátrio. Brasília surge, do arrojo de uma administração, para dar curso à idéia da formação do espaço social na imensa área política de longínqua e quase esquecida herança. Sim, Brasília teve também êsse sentido de apanhar, no passado, a ponta de um fio que liga à continuidade do esforço bandeirante, responsável pelo fastamento até a orla andina da velha linha convencional e pela vinculação ao destino de nossa gente de novos e imensor (ainda hoje incalculável) tratos de terra.

Três séculos passaram sem que os pósteros recolhessem o fruto de sacrifícios jamais narrados. Dir-se-ia — os fatos, como na lei da natureza têm a sua época certa de eclosão. Nada surge antes do tempo. A própria Brasília, imaginada pelo idealismo do Inconfidente e pelo sonho patriarca da Independência, só viria ser realidade com Juscelino Kubitschek, na época das máquinas pesadas do caminhão e dos grandes aviões.

Mas surgiu. E surgiu bem, envolvendo não apenas a vontade de um Chefe de Estado, mas os anseios de tôda a Nação, consubstanciados no voto que o representante do povo deu visando a aprovação da Lei marcando data de transferência da Capital da República para o Planalto Central.

Vêm agora, os nédios defensores de uma vida mais cômoda, mais próxima de Copacabana e de São Paulo, novamente, levantar a

questão do retorno, insensíveis à significação da simples manifestação da idéia.

Se não houvesse nada a perder, devíamos pelos menos manifestar respeito pelo sacrifício (até de vidas) daqueles que se enpenharam na tarefa hercúlea de realizar as obras de uma Capital, em pouco mais de três anos. Devia haver respeito para com aqueles que aqui encontram, vivendo com as suas famílias, desde os primeiros momentos da transferência, a despeito da proclamada falta de condições de vida, chavão dos retornistas. Acontece que a ausência das condições de existência em Brasília incide, primeiramente, sobre os que aqui residem, com problemas de toda sorte a resolver num meio social em formação. Essas deficiências sentem, principalmente os deputados que aqui se fixaram e que se vêm obrigados a se transportarem ao Rio de Janeiro, semanalmente, com altas despesas de hotel e sacrifícios de saúde, se não quiserem ter os seus problemas eternizados.

O retornista costuma vir a Brasília para um discurso de efeito político ou para estabelecer continuidade na frequência, ao expirar o prazo de ausência tolerada. Mas aqui encontram os seus apartamentos, normalmente ocupados por secretários ou familiares bem situados em empregos públicos, bem assim, os carrões oficiais para transportá-los até a Câmara e depois ao aeroporto. São viagens móbidas bem diferentes daquelas que realizam ao Rio, a procura dos Ministros, certamente todos retornistas, os deputados que aqui residem com as suas famílias.

Acima de tudo, devemos respeito à juventude de Brasília. Há dias certo professor realizando ligeira "enquete" na sua classe, constituída 32 alunos, no Centro de Ensino Médio de Brasília, verificou que nenhum deles era favorável ao retorno da Capital da República.

Que poderíamos dizer, amanhã a essa geração, se o desastre se consumasse?

Dou a palavra aos retornistas, para que eles respondam, consultando a própria consciência:

— "Não estivemos à altura de nossas obrigações fomos comodistas, traímos a nossa missão." (*Muito bem. Palmas*).

O SR. CUNHA BUENO (*Para uma comunicação*) * — Sr. Presidente, um dos jornais da cadeia dos "Diários Associados" publica, na edição de hoje, com grande destaque, a seguinte notícia "Atuação das esquerdas nacionais líquida nossas lavouras de café".

Trata-se, Sr. Presidente, de entrevista concedida pelo Sr. Renato Freire Levy, Presidente da Associação Comercial de Santos. Vejamos o que diz o entrevistado:

"Em outra ordem de considerações, tendo em vista a presente conjuntura político-sócio-econômica, o Sr. Freitas Levy grifou que o maior golpe das esquerdas brasileiras foi o de liquidar, até este momento, as nossas lavouras de café. O encarniçamento dos líderes da administração federal encabeçado pelo Sr. João Pinheiro Neto, Superintendente da . . . SUPRA, que em discurso disse ser o café o maior inimigo do Brasil, deve-se ao fato de esse produto vincular o nosso País ao mundo Ocidental".

Evidentemente Sr. Presidente, como representante do Estado de São Paulo não poderíamos deixar de lamentar a leviandade com que um alto funcionário da administração pública federal se refere aqueles que têm a responsabilidade de produzir o café, que continua sendo a espinha dorsal da economia brasileira.

É lamentável, Sr. Presidente, que um homem que tem a responsabilidade de orientar os destinos da SUPRA que justamente deve cuidar, precipuamente, dos assuntos da terra afirme, com tanta desfarçatez, que o café é, hoje, um inimigo do Brasil.

* Não foi revisto pelo orador.